

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Andressa Rosa de Araújo
Paloma da Silva

**UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA
ATUALIDADE**

Santa Maria, RS
2018

**Andressa Rosa de Araújo
Paloma Silva**

**UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA
ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Santa Maria, área das Ciências da Saúde como requisito parcial para a obtenção do título de **Terapeuta Ocupacional**.

Orientadora: Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi

Santa Maria, RS
2018

**Andressa Rosa de Araújo
Paloma Silva**

**UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA
ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Santa Maria, área das Ciências da Saúde como requisito parcial para a obtenção do título de **Terapeuta Ocupacional**.

Aprovada em 14 de dezembro de 2018.

Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi, Ms. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Aline Sarturi Ponte, Ms. (UFSM)

Fátima Cristina Vieira Perurena, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, por ter nos dado saúde e força para superar as dificuldades. Segundamente a nossa orientadora Bianca Carrasco, pela orientação, apoio e confiança. Terceiramente, aos nossos familiares e amigos pelo incentivo, amor e apoio incondicional.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa formação, o nosso muito obrigada.

*Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda.
Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas.*

(Nise da Silveira)

RESUMO

UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA ATUALIDADE

AUTORAS: Andressa Rosa de Araújo e Paloma da Silva

ORIENTADORA: Prof^a Bianca Gonçalves de Carrasco

A contemporaneidade é marcada por uma sociedade midiaticizada, na qual os meios de comunicação exercem influência sobre as instâncias sociais, abrangendo até mesmo os contextos relacionados ao campo da saúde. Essa pesquisa caracteriza-se por um estudo qualitativo, constituído a partir de uma revisão de literatura narrativa baseada em elementos científicos e uma análise feita com base na mídia brasileira. Pretende-se apresentar um panorama das produções encontradas na mídia online e escrita no Brasil e correlacionar os resultados com possíveis interpretações midiáticas na vida das pessoas. A coleta de dados buscou descrever os estudos apresentados em artigos publicados no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), usando os seguintes descritores: “*mídia e loucura*”, “*mídia e doença mental*”, “*mídia e transtorno mental*” e “*mídia e saúde mental*”. Foram considerados para inclusão no estudo somente artigos completos e publicados em português. Os dados foram divididos em categorias de análise a partir da análise narrativa. Foram estabelecidas categorias relacionadas à saúde mental e mídia: os aspectos históricos, pessoas com uso abusivo de álcool e drogas, patologização e estigmas de gênero, representações sociais do corpo e transtornos alimentares, subjetividades da saúde do trabalhador. Verificamos as produções científicas com o objetivo de apresentar as divergentes opiniões dos autores, relacionadas aos pareceres sobre a saúde mental apontados pela mídia na atualidade.

Palavras-chave: Mídia; Saúde mental; Transtorno mental.

ABSTRACT

A NARRATIVE REVIEW OF MEDIA AND MENTAL HEALTH IN CURRENT

AUTHORS: Andressa Rosa de Araújo and Paloma da Silva

ADVISOR: Bianca Gonçalves de Carrasco

Contemporaneity is marked by a mediatized society, in which the media exert influence on social instances, including even the contexts related to the field of health. This research is characterized by a qualitative study, constituted from a review of narrative literature based on scientific elements and an analysis based on the Brazilian media. It is intended to present an overview of the productions found in online and written media in Brazil and to correlate the results with possible mediatic interpretations in people's lives. The data collection sought to describe the studies presented in articles published in the Virtual Health Library (VHL) database, using the following descriptors: "media and madness", "media and mental illness", "media and mental disorder" and "Media and mental health". Only complete articles published in Portuguese were considered for inclusion in the study. Data were divided into categories of analysis based on narrative analysis. Subjects related to mental health and media were established: historical aspects, people with alcohol and drug abuse, pathologization and gender stigmas, social representations of the body and eating disorders, subjectivities of workers' health. We verified the scientific productions with the purpose of presenting the divergent opinions of the authors, related to the mental health opinions pointed out by the media in the present time.

Key Words: Media; Mental health; Mental disorder.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABP	Associação Brasileira de Psiquiatria
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CID	Classificação Internacional de Doenças
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
TA	Transtornos Alimentares
VISAT	Vigilância em Saúde do Trabalhador

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos selecionados para Análise de Dados	14
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
3 METODOLOGIA	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
4.1 SAÚDE MENTAL E MÍDIA: ASPECTOS HISTÓRICOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	17
4.2 SAÚDE MENTAL E MÍDIA: AS PESSOAS E O USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ATUALIDADE- EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS	19
4.3 PATOLOGIZAÇÃO, ESTIGMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE	25
4.4 SAÚDE MENTAL E MÍDIA BRASILEIRA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO E OS TRANSTORNOS ALIMENTARES NA ATUALIDADE	28
4.5 SAÚDE MENTAL E MÍDIA BRASILEIRA NA ATUALIDADE: SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A mídia está cada vez mais presente em nosso meio, principalmente a mídia digital, o aparelho celular é um grande exemplo disso, antes era usado apenas para mandar mensagens e fazer ligações, e hoje o aparelho virou um computador de bolso, criando uma grande rede para formações de opiniões e argumentos. O público conectado e no meio disto tudo acaba absorvendo notícias e acreditando nas alegações. Em novelas, filmes e séries, são criados personagens a fim de retratar uma realidade muitas vezes superficial e não condizente com a realidade, nos jornais e noticiários são exibidas notícias rasas sobre o assunto, fazendo com que o telespectador crie pré-julgamentos e pré-conceitos sobre o conteúdo apresentado.

Segundo Emerich et al. (2016), a contemporaneidade é marcada por uma sociedade midiaticizada, na qual a mídia exerce influência sobre as instâncias sociais, abrangendo a saúde. Assim, a mídia como uma ferramenta de comunicação social de massa acompanha e provoca o processo de globalização da informação. Na atualidade, a mídia vem desempenhando um papel de formadora de opinião, influenciando as pessoas em suas opiniões sobre inúmeras problemáticas. Desse modo, os veículos de comunicação do círculo contemporâneo incluem a publicidade, os transmissores de notícias, os filmes, as minisséries, as novelas e a utilização das redes sociais pela internet (MOREIRA, 2010).

No que concerne às notícias, a mídia é uma ferramenta capaz de espalhar, sem um controle real da veracidade, por diferentes meios de comunicação, uma notícia ou um fato como uma “mercadoria” que pode trazer inúmeras consequências, algumas delas catastróficas para diferentes segmentos sociais, tendo inclusive grandes repercussões individuais ou coletivas. O que ocorre realmente é que muitas vezes os fatos concretos são distorcidos, transformando a realidade em falácia ou em um mito. Consequentemente, as pessoas sempre estão em busca de possíveis verdades, pois a mídia oferece incontáveis versões sobre a suposta “verdade” proporcionando uma interpretação variada dos fatos (FONSECA, 2011).

Barros (2003), aborda que a imprensa pode ser muito sensacionalista quando o assunto se trata de crimes ou casos psicopatológicos, provocando uma tamanha repercussão na sociedade, pois a mídia destaca muitas vezes negativamente este tipo de notícia. Ele aponta algumas consequências que este tipo de exposição pode trazer, são: a) a generalização e perpetuação de preconceitos; b) a divulgação de informações falsas a respeito das doenças mentais; c) reforçar o sofrimento das pessoas diretamente ou indiretamente envolvidas; d) o conteúdo sensacionalista pode motivar para novos crimes. O público em si, já tem idealizado

que qualquer tipo de doente mental, é agressivo e comete crimes, a imprensa sabendo disto, utiliza de forma exacerbada este assunto para fins de audiências e lucro.

Outro meio simbólico com grande influência atualmente na mídia, principalmente a brasileira, são as novelas, que por meio de seus personagens reproduzem várias histórias, trazendo á tona temas que despertam interesse, que muitas vezes são reais, mas não oferecem informações com o embasamento esperado, em assuntos importantes. De acordo com Musse e Brum (2010), as novelas, com o decorrer do tempo, ganharam uma característica cada vez mais social, impulsionando os telespectadores a ter mais interesse em assisti-las. As novelas atuam com a fantasia e a ficção, incluindo temáticas que rematem a realidade da população, quase sempre por meio de personagens polêmicos. Os autores acreditam que as novelas atualmente, não possuem um caráter transgressor, devido ao fato que a maior parte dos temas retratados são relacionados com o que a sociedade acredita ser verdade.

Esse trabalho de conclusão de curso, portanto, tem por finalidade analisar as produções científicas, afim de, mostrar diferentes pensamentos de autores acerca das concepções sobre a saúde mental retratadas pela mídia no momento presente.

2 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com Guarniero et al. (2012), o estigma relacionado às doenças mentais é um dos fatores determinantes para dificultar que o sujeito busque recursos terapêuticos. Essa ausência de visibilidade causa uma desatenção da parte do governo fazendo com que destinem poucos recursos financeiros para a saúde mental, provocando segregação social. Ademais, os usuários recebem o serviço de saúde de péssima condição, porque os médicos pendem a avaliar que as manifestações físicas dos usuários não passam de “criação” de uma mente transtornada. Conforme os autores citados anteriormente, desta maneira, é similar ao que acontece sempre que uma instituição instiga ideias estereotipadas, prejudgmentos e/ou segregadoras a respeito dos transtornos mentais e seus utentes. Atualmente, a mídia, é uma instituição dominante e existente, e as reflexões das informações sobre doenças mentais divulgadas em jornais venham a ser empregadas como meio de estigma através de meios de comunicação.

Segundo Silva e Ruótulo (2010), qualquer assunto que seja considerado polêmico, é um conteúdo recorrente que desencadeia inúmeros pontos de vista e posições, pois são vistos como temáticas delicadas que aparentam ter forte importância dentro do âmbito social e do convívio da comunidade. Sabe-se que muitas crenças e condutas são constituídas através das relações sociais que todo o sujeito traz em sua existência. A mídia é destacada como a maior manipuladora na construção de convicções públicas, logo, é capaz de modificar opiniões e atitudes.

Nessa perspectiva teórica, buscamos nessa pesquisa coletar e analisar o pensamento científico, através da saúde mental na mídia por meio de artigos encontrados na pesquisa realizada no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi de caráter exploratório e em formato de revisão de literatura, submetido ao Portal de Projetos da Universidade Federal de Santa Maria identificado pelo número 050192. Nessa configuração de pesquisa, não houveram hipóteses a serem testadas, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informação sobre determinado assunto de estudo (VERGARA, 2004). Além de auxiliar na definição dos objetivos da pesquisa científica, a revisão bibliográfica também contribui nas construções teóricas, nas comparações e na validação dos resultados. (MEDEIROS e TOMASI, 2008). Quanto aos meios, de pesquisa, buscou-se o caráter bibliográfico, a qual, segundo Vergara é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral (VERGARA, 2004).

Optamos metodologicamente por seguir os caminhos de uma revisão de literatura narrativa. Segundo Brum et al. (2015), esse tipo de revisão possui caráter amplo e propõe descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente. A revisão narrativa, portanto, não utiliza necessariamente critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura, sendo que a seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores.

Contanto, essa pesquisa se caracterizou como um estudo de natureza teórica em relação ao tema abordado. A coleta de dados foi composta por uma fase, que buscou levantar os estudos apresentados em artigos publicados no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), usando os seguintes descritores: “*mídia e loucura*”, “*mídia e doença mental*”, “*mídia e transtorno mental*” e “*mídia e saúde mental*”. Foram considerados para inclusão no estudo somente artigos completos e publicados em português.

Este processo envolveu atividades de busca, identificação, fichamento de estudos, mapeamento e análise. Após essa etapa foi realizada a leitura dos artigos pelo resumo, os dados coletados para a seleção dos artigos analisados neste estudo atenderam aos seguintes critérios de inclusão: tratar-se de artigo original, ter resumo completo na base de dados, no idioma de língua portuguesa, cujo objeto de estudo seja de interesse desta revisão narrativa e que esteja disponível gratuitamente, na íntegra em formato eletrônico na base de dados. Já os critérios de exclusão foram: artigos publicados em periódicos não editados no Brasil; tese ou dissertação e relato de experiência.

Inicialmente, foram encontradas 45 produções científicas todos com os descritores. Com os descritores “*mídia e loucura*” encontramos 4 artigos, “*mídia e doença mental*” com 5 artigos, “*mídia e transtorno mental*” com 11 artigos e “*mídia e saúde mental*” 25 artigos. Das 45 produções científicas, 19 artigos foram excluídos de acordo com os critérios da pesquisa e 26 apresentavam o texto na íntegra, disponível online e atenderam ao critério de inclusão relativo ao idioma que era a língua portuguesa e foram considerados para a análise. (vide Quadro1).

Os dados foram divididos em categorias de análise a partir da análise narrativa e verificados a luz dos aportes teóricos que orientam essa pesquisa. A análise narrativa, de acordo com Bastos e Biar (2015), estabelece que o conhecimento é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que, pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de uma narrativa única. Nessa perspectiva, foram elencadas as seguintes categorias: 1- Saúde mental e mídia: aspectos históricos e representações sociais, 2- Saúde mental e mídia: as pessoas e o uso abusivo de álcool e outras drogas na atualidade - experiências brasileiras, 3- Patologização, estigmas de gênero e sexualidade, 4- Saúde mental e mídia brasileira: representações sociais do corpo e os transtornos alimentares na atualidade e 5- Saúde mental e mídia brasileira na atualidade: subjetividade do trabalhador.

Quadro 1: Artigos selecionados para análise de dados.

TÍTULO	AUTORES	ANO	NOME DA REVISTA
Reforma psiquiátrica e mídia: representações sociais na Folha de S. Paulo	Machado, A.	2004	Ciênc. Saúde coletiva vol. 9 no. 2.
Narrativas e experiências acerca da loucura: uma reflexão de profissionais de comunicação	Santos, J. e Cardoso, C.	2011	Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.15, n.38, p.727-39.
Conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre drogas e política de enfrentamento às drogas	Branco et al.	2015	Rev. Pesqui. Cuid. Fundam.
Mulheres, saúde e uso de crack: a reprodução do novo racismo na/ pela mídia televisiva	Macedo, et al.	2015	Saude. Soc. Vol. 24 no. 4.
O crack em um cenário empedrado: articulações entre os discursos jurídico, médico e midiático	Cunda, F. e Silva, R.	2014	Psicol. Soc. Vol. 26 no. Spe Belo Horizonte.
Drogas em área de risco: o que dizem os jovens	Costa et al.	2012	Physis (Rio J.); 22 (2): 803:819, abr.- jun.

TÍTULO	AUTORES	ANO	NOME DA REVISTA
Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação?	Romanini, M. e Roso, A.	2012	Psicol. Ciênc. Prof; 32(1): 82-97.
Uso e abuso de álcool e outras drogas: ações de promoção e prevenção no trabalho	Carrillo, L. e Mauro, M.	2003	Rev. Enferm. UERJ; 11(1): 25-33.
Representações midiáticas da internação compulsória de usuários de drogas	Wurdi, K. e Motta, M.	2014	Temas em Psicologia – 2014. Vol. 22, nº 2, 433-444.
Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa da literatura	Costa et al.	2015	Ciênc. saúde coletiva 20 (2).
A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família	Souza et al.	2010	Ciênc. Saúde Colet; 15(3): 733-741.
Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003	Ronzani et al.	2009	Ciênc. Saúde Colet; 14(5): 1751-1761.
Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira: análise de um jornal e duas revistas de edição nacional	Zanotto, F. e Assis, B.	2017	Physis (Rio J.); 27(3): 771-792.
O debate legislativo carioca sobre a "mudança da homossexualidade": ciência, política e religião.	Venancio, A. e Belmonte, P.	2017	Sex. Salud. Soc. (Rio J.); (26): 103-125.
Habilidades sociais: fator de proteção contra transtornos alimentares em adolescentes	Uzunian, L. e Vitalle, M.	2015	Ciênc. Saúde colet. 20 (11).
Ética, cultura e mídia: a quem culpar pelos transtornos alimentares?	Volpe, F.	2007	Rev Bras Psiquiatr; 29(3): 294-295.
Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares	Souto, S. e Bucher, J.	2006	Rev. Nutr., Campinas, 19(6): 693-704.
Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino	Andrade, A. e Bosi, M.	2003	Rev. Nutr., Campinas, 16(1): 117-125.
Insatisfação da imagem corporal, práticas alimentares e de emagrecimento em adolescentes do sexo feminino	Freitas et al.	2009	Rev. Bras. Nutr. Clín; 24(3): 166-173.

TÍTULO	AUTORES	ANO	NOME DA REVISTA
Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação	Iriart et al.	2009	Cad. Saúde Pública; 25(4): 773-782.
Ofício de oficial: trabalho, subjetividade e saúde mental na polícia militar.	Spode, C.	2004	Porto Alegre; s.n.
Saúde e qualidade de vida de jornalistas: estudo de revisão	Penteado, R. e Gastaldello, L.	2016	Rev. Bras. Promo. Saúde (Impr.); 29(2): 295-304.
Assédio moral no trabalho e suas representações na mídia jornalística	Garbin, A. e Fischer, F.	2012	Rev Saúde Pública 2012; 46(3): 417-24.
Atualidades do “Rochedo” Freudiano: O “primeiro homem grávido”.	Bourseul, V. e Laufer, L.	2016	Ágora (Rio de Janeiro) v. XIX n. 1 jan/abr 2016 9-20.
Repertórios sobre a Lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos?	Borges, L. e Spink, M.	2009	Psicologia & Sociedade; 21 (3): 442- 452, 2009.
Droga de corpo! Imagens e representações do corpo feminino em revistas brasileiras.	Souza et al.	2013	Rev Gaucha Enferm; 34(2): 62-69.

Fonte: Banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, 2018.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 SAÚDE MENTAL E MÍDIA: ASPECTOS HISTÓRICOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Essa análise foi contemplada através dos discursos referentes aos aspectos históricos e das representações sociais da saúde mental na mídia brasileira e será discutida a partir dos artigos de Machado (2004), e Santos e Cardoso (2011).

Para Machado (2004), as representações sociais são desenvolvidas através dos sentimentos, das opiniões e dos posicionamentos apresentados pelos meios de comunicação, fazendo assim com que os indivíduos absorvam ou desconsiderem a matéria apresentada. O sujeito que concorda com a perspectiva do tema abordado ratifica os seus conceitos, introduz ao seu repertório mais referências e engloba novos saberes a respeito daquele tema. Já os sujeitos que discordam da matéria, negam e debatem o tema que está sendo mostrado, fortificando as suas crenças e opiniões.

O modo como será refletido essas opiniões se dão individualmente e também coletivamente conforme Machado (2004). Individualmente porque cada pessoa tem para si os seus valores pessoais, suas convicções, seu entendimento, conforme o seu presente estado psicológico. E, coletivamente, pois se trata do caminho social, onde as informações serão debatidas e comentadas nos ambientes sociais dessa pessoa. Assim se dá a construção da consciência, através dos componentes apresentados e formam-se as representações sociais.

Segundo Machado (2004), a teoria do senso comum em relação à loucura e a reforma psiquiátrica aborda um composto de pensamentos, alegações e esclarecimentos conforme a imprensa brasileira retrata as representações sociais. A mídia como comunicadora de massa, pode desempenhar o papel de investigadora através dos meios de comunicação inseridos no cotidiano de cada sociedade.

Entretanto, segundo Santos e Cardoso (2011), as concepções sobre a loucura, por intermédio de comunicadores de massa, como radialistas e jornalistas, aparecem em forma de diversas ideias a respeito do tema. Alguns trouxeram certo conhecimento sobre clínica médica, como diagnósticos, sintomas e problemas, outros relataram ter medo dos portadores de transtornos mentais, e outros discursos apresentaram a loucura como socialmente aceita, descrevendo que todo mundo tem um pouco de “loucura” em si, citando ainda o ditado “de médico e louco cada um tem um pouco”.

A loucura é utilizada para descrever algum tipo de experiência vivida, uma atitude irresponsável, uma ação excêntrica de demonstração de sentimentos, distúrbio mental e até mesmo uma paixão incomensurável. Para os autores Santos e Cardoso (2011), quando se busca a relação da mídia sobre a temática da loucura, nota-se certa dificuldade para os profissionais da comunicação em manifestar-se sobre esse tema. Algumas expressões relatadas trazem à tona dúvidas, segundo os profissionais esses assuntos deveriam ser mais investigados através de estudos, por meio da construção de uma abordagem que abranja uma grande escala em que se realizassem debates acerca do preconceito envolvendo esse tema, bem como a divulgação de informações esclarecedoras a respeito da saúde mental e não somente apresentando casos envolvendo crimes, pois a construção que gera lucro para as empresas envolve notícias sobre a violência.

A linguagem permite que a experimentação privada se faça pública, levando em conta que as vivências sociais as quais estamos ligados (família, vizinhos, amigos) e os conceitos formados a partir de conhecimentos diversos (religião, filosofia, arte).

Nota-se que as narrativas envolvendo a loucura se estruturam em decorrer dos temas como violência, estigma e prejulgamento, mostrando como a mídia lida de uma maneira excludente e preconceituosa acerca dessa temática, fazendo com que a percepção sobre a construção de sentidos dos sujeitos seja moldada de uma forma errônea, e sendo assim reproduzida continuamente.

Percebemos que os discursos apontados sobre a saúde mental sofrem influência da mídia, através de reportagens que apresentam temáticas com interpretações muitas vezes distorcidas sobre esse assunto, conforme os posicionamentos retratados pelos meios de comunicação, porém também contribuem para que seja desenvolvida a concepção de consciência mediante temas discorridos pela mídia, onde as pessoas podem ou não concordar com as matérias.

Na concepção de Barboza e Feldens (2016), a construção da mídia é um dos mecanismos discursivos que promovem a vinculação do âmbito da doença mental no campo social. Essa vinculação não é realizada sob uma perspectiva isenta e leviana, mas estabelecida em meios de poderio. As denominações psicopatológicas encontram-se em constantes mudanças históricas e educacionais, sendo os veículos de comunicação encarregados de fazer essa transferência para a esfera pública.

4.2 SAÚDE MENTAL E MÍDIA: AS PESSOAS E O USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ATUALIDADE: EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS

Foram selecionados 11 artigos na temática, organizados através dos discursos sobre as pessoas e o uso abusivo de álcool e outras drogas na atualidade.

Segundo Branco et al. (2015), constata-se que são inúmeras as áreas da vida do sujeito que são prejudicadas em decorrência ao uso de drogas, são exemplos: a saúde, o trabalho e as relações sociais. Segundo os autores, as drogas não somente prejudicam o sujeito que faz o uso, mas também afetam o campo da saúde, do contexto social e econômico. O demasiado uso, a fabricação e emissão em vasta proporção, vem possibilitando que as drogas sejam mercadoria de comercialização, fazendo com que cada vez mais pessoas se envolvam nessa esfera ilegal, proporcionando que as drogas se tornem um preocupante obstáculo para a saúde pública. Para que se tenham profissionais qualificados na atenção básica de saúde, é preciso que se aplique na formação dos futuros graduados, em meio a eles, os enfermeiros, visto que o conhecimento do graduado de enfermagem têm uma visão generalista sobre o assunto relatando sobre alguns danos a saúde mental e física e problemas econômicos e sociais. O conhecimento acerca desses assuntos é baseado em informações ligadas a meios sociais e eletrônicos, mostrando um entendimento científico limitado.

A partir dos estudos de Macedo et al. (2015), a individualidade tornou-se comum na sociedade ocidental, interferindo na política, no mercado e, até mesmo, na conduta perante a modernidade. Verificando as ações e ligações que determinam essa situação, o autor destaca que a forma como as pessoas estabelecem relações com as drogas está ligada claramente ao aumento do consumo de diversos componentes na sociedade moderna, incluindo os entorpecentes. Porém, o consumo de drogas, particularmente o crack, continua sendo um fato apontado no “limite” da sociedade. Para o autor, a maneira como algumas mídias de massa propagam notícias a respeito das drogas é parcial, deficiente, pende a ressaltar a droga e as consequências nos indivíduos que fazem uso, esquecendo-se que, além disso, existe a formação social, política e cultural dos usuários.

No que diz respeito à saúde das mulheres, as táticas usadas pelo Estado colocam de maneira a acarretar determinadas características de relações. A começar pela análise de um programa chamado “Mães do crack”, salientam-se alguns aspectos que indicam a retratação do novo racismo na matéria televisa, visto que os meios de comunicação apresentam as mulheres usuárias de crack como se fossem culpadas das complicações sociais, sem levar em

consideração as concepções entre as circunstâncias, o momento histórico e a sociedade, mostrando assim a visão preconceituosa e restrita à frente do assunto.

Segundo os estudos de Cunda e Silva (2014), a criação das notícias de que os usuários de crack são perigosos e de que a doença não tem cura é de responsabilidade da esfera jurídica e policial, e contou com o suporte da psiquiatria biologicista e da mídia que fez a divulgação. As primeiras reportagens foram feitas por exposições sensacionalistas que mostravam a marginalidade sendo reprimida pela polícia ou de famílias desesperadas que algemavam ou acorrentavam seus filhos em casa para que não saíssem em busca da droga. Os grandiosos meios de comunicação, no começo limitaram a questão apenas as manchetes policiais. O medo era de uma proliferação do mal, embasada por uma concepção neuromédica de compulsão inconversível de crack fazendo com que a mensagem passada fosse de descrença no futuro de crianças e jovens, onde a sociedade iria apagar-se devido ao descontrole.

Os autores relatam ainda que, antes da Lei da Reforma Psiquiátrica, a política de saúde mental relacionada ao crack foi conduzida pela política do medo desenfreado, e o cenário propiciou o crescimento a investir em custos destinados a leitos psiquiátricos, em comunidades terapêuticas nas jordanas publicitárias.

Para Romanini e Roso (2012), a epidemia do crack propõe a propagação de que qualquer pessoa está suscetível ao uso de crack, porém, depois imputa diferenças: pobres e ricos, público ou privado e reforma psiquiátrica e o paradigma hospitalocêntrico. Assim se mantém as relações de dominância, que evidenciam a exclusão categorizando o usuário de crack, dificultando o alcance a garantia da saúde das pessoas e de grupos desprezados devido a sua condição social.

Segundo Wurdig e Motta (2014), a pesquisa realizada sobre reportagens com a temática “Internação compulsória de usuários de crack”, teve como base uma proposta apresentada o projeto de Lei nº 7663/2010, divulgado no Rio Grande do Sul, mostrando-se ser uma Lei Antidrogas que concede que o usuário seja internado para a intervenção sem que o dependente químico ou o juiz aprovem. Para os autores, esse tipo de proposta coloca o confinamento do usuário como o melhor método para o tratamento. Percebe-se que a religião aparece fortemente ligada aos fatos históricos sobre a loucura, e nas reportagens é visível que o discurso de “salvar” o usuário aparece como sendo um ato de compaixão para com o mesmo, mostrando que os valores religiosos são os corretos para se ter uma vida digna. Por conseguinte, a internação involuntária é vista como uma recuperação para o usuário que a sociedade oferece como uma forma de se mostrar piedosa diante da situação, como se fosse detentora do bem contra o mal.

Os usuários são retratados nas reportagens como pessoas completamente incapazes de fazerem escolhas, são apresentados como sendo pessoas que vivem nas ruas, que comem lixo e não tem um lar. Essas concepções podem influenciar e agravar os problemas de saúde dos dependentes químicos, pois reforçam o estigma sobre essas pessoas. Pode-se concluir que a mídia inúmeras vezes manipula os fatos para apresentar notícias sensacionalistas, não permitindo espaço para que o outro lado da história seja contado.

Na perspectiva Zanotto e Assis (2017), em seu documental sobre usuários de crack, destacam-se cinco categorias que apontam que a mídia interfere na construção de raciocínio coletivo e político. Sendo a primeira categoria, refere-se ao retrato do usuário de crack, aponta que a matéria não faz diferenciação entre idade ou sexo, e aponta que o sexo feminino é o mais vulnerável por conta de possíveis gestações não planejadas e violência sexual. Os outros usuários (crianças, homens e idosos) são retratados também de uma forma reducionista, mostrando na reportagem que os indivíduos vivem em circunstâncias instáveis de sustento e higiene. Essas referências aos usuários reforçam ao leitor que esses cidadãos preferem morar na rua por ser uma vivência descomplicada nesse ambiente, desconsiderando as situações sociais e econômicas dessas pessoas e suas situações familiares inconsistentes.

A segunda categoria aponta as nomeações depreciativas referindo-se aos usuários. Reforçaram os estigmas sobre essas pessoas, através de alguns vocabulários, como: “andarilhos”, “negros”, “desdentados”, “nóias”, “drogados”, principalmente “viciados”, entre outros. Essas nomeações intensificam a ideia de que essas pessoas são inferiores aos demais e estimulam o preconceito. A categoria três faz referência ao usuário de crack como um ser doente, uma pessoa que deverá ser tratada preferencialmente dentro de um hospital reforçando a lógica do modelo biomédico.

As concepções dos leitores e moradores a respeito dos usuários de crack entram na categoria quatro. Os usuários são vistos como pessoas muito perigosas, relatam que querem distância dessas pessoas ao mesmo tempo em que dizem que os usuários estragam a imagem do centro da cidade e que eles deveriam estar internados em hospitais psiquiátricos fortalecendo a segregação. As pessoas sentem-se incomodadas com a presença dos usuários de crack e a lei é aplicada de uma forma diferente a essas pessoas, pois eles estão à vista de todos, distintivamente dos usuários de ecstasy, em festas da classe alta.

Por fim, a categoria cinco traz as crenças dos religiosos, profissionais da saúde, políticos e outros profissionais em relação aos usuários de crack. Constata-se que os profissionais são preceptores de opiniões propagadas. Através do levantamento feito, os

profissionais, médicos e psiquiatras, têm opiniões inflamadas, por considerarem que eles são detentores do saber, prejudicando assim a política de redução de danos.

Na perspectiva de Ronzani et al. (2009), a mídia é uma formadora de opiniões, isso é fato. Mediante levantamento de informações, feita por uma revista, a respeito de substâncias psicoativas, nota-se que conforme os resultados apresentados, muitas vezes não corresponderam com informações epidemiológicas brasileiras e/ou mundiais.

Os meios de comunicação podem mostrar de maneira a inclinar-se com relação à circunstância ao qual está posta, quanto a induzir a construção de concepções e posicionamentos diante de deliberados assuntos. No cenário das drogas, conforme o estudo apresenta os dois tópicos são exibidos, pois a revista mostrou dados do estudo, e ela não se posicionou de uma forma clara e exclusiva, em relação às drogas.

Os autores entendem que há um conflito entre o sentido concedido pela mídia e o retrato do uso de substâncias psicoativas no país, caso que além de poder persuadir as convicções dos indivíduos sobre algumas substâncias, também influencia as políticas públicas sobre drogas no Brasil, em razão de que os meios de comunicação são capazes de serem instrumentos de métodos de prevenção e promoção de saúde das pessoas.

A partir dos estudos de Costa et al. (2015), há a necessidade de uma maior ligação entre as políticas públicas e os serviços existentes, fazendo com que se efetive novos projetos e trabalhos que descrevam os contextos, porém nota-se uma carência em relação a esse assunto, pois constata-se que há muita demanda para pouco alcance dos serviços existentes na conjuntura brasileira. Nota-se que apenas uma pequena parcela dos usuários procura os serviços existentes, evidenciando que as ações no campo das drogas devem ser articuladas e concretizadas em uma grande proporção, visando à conexão das redes através de um entendimento intersetorial. As redes assistências Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Centro de Atenção Psicossocial Álcool e drogas (CAPSad), devem ser revistas, pois apesar da sua ampliação, o número de dispositivos ainda não são suficientes em todo o território brasileiro, faltam profissionais preparados para trabalharem nos serviços e necessita-se fortificar a ações intersetoriais nas redes de saúde.

O autor Costa et al. (2012), realizou um estudo sobre assuntos relacionados a “família”, “perspectiva de vida”, “sexo” e “drogas” com adolescentes, numa escola estadual de ensino fundamental e médio. A escolha dos temas está associada ao predomínio da causa para a ligação ou não do uso de drogas, lícitas ou ilícitas. Os apontamentos feitos pelos adolescentes foram a respeito do grupo social, onde as amizades podem incentivar e influenciar a utilização de drogas pelos adolescentes. A família, onde muitos parentes fazem o

uso de substâncias químicas e também devido aos desentendimentos familiares e péssimo relacionamento com a parentela; a mídia onde os participantes revelam que mesmo que a ideia de que as drogas sejam ruins, os meios de comunicação instigam a curiosidade nos jovens a usarem drogas; a escola, visto que é um local para debates em educação e proteção contra o uso de entorpecentes, porém vem falhando nesse quesito; a moradia em área de risco também foi apontada pelos jovens como um fator importante para influenciar o uso, devido à exposição e o convívio com essas situações; e por fim as redes de apoio, que segundo os adolescentes, deveriam incentivá-los a estudar e trabalhar para desviá-los do uso de drogas e para atender suas necessidades.

De acordo com Carrilo e Mauro (2003), um estudo realizado com trabalhadores de uma empresa a respeito do uso e abuso de álcool e outras drogas, apresenta os prováveis motivos de perigo envolvendo costumes e/ou práticas na esfera do trabalho, destacando-se o hábito do fumo (13,8%), o uso de álcool (65,5%), e o consumo de outras substâncias químicas. Evidencia-se que o afastamento laboral é ocasionado por enfermidades, contratempos particulares e familiares. Esses seguimentos tornam evidentes a ausência de componentes trabalhistas como disposição de utilização de drogas.

Os prováveis motivos de fragilidade no meio de trabalho, de acordo com os autores, e que de algum modo pode incentivar o consumo de drogas, são o esgotamento físico e emocional devido o modo de trabalho e o convívio com os colegas. Há vários fatores que podem influenciar o uso e abuso do álcool e outras drogas, todavia, o trabalho mostra-se muito importante para a segurança do trabalhador contra esses acontecimentos. A precaução desses ocorridos é realizada, de acordo com os funcionários, através de ações como iniciar as férias, exercícios e entretenimento, escutar músicas, salientando que essas atividades são protetoras contra o uso de álcool e outras drogas.

Para Souza et al. (2010), através da realização de entrevistas a respeito do uso de álcool, os adolescentes, a sua maioria de baixa renda e de escola pública, observa-se que não há um entendimento sobre beber socialmente e beber em demasia. O estudo do autor revela que os adolescentes vêm bebendo em excesso, especialmente as garotas, cujo consumo tem sido elevado.

Algumas falas dos jovens apontam que há muita influência de grupos de amigos sobre ingerir bebida alcoólica, alguns fazem uso para que sejam aceitos no círculo social, outros para que pareçam importantes, mostrando que já não são mais crianças ou mesmo por “estar na moda” o consumo de bebida alcoólica, pois os jovens relatam que se sentem instigados a beber quando veem diversas propagandas incentivando o uso. Ainda é relatado o uso de

álcool junto com os pais, principalmente afetando garotos, porque a droga é atribuída à masculinidade, principalmente para pais que dão bebida aos seus filhos menores.

Concordamos com as concepções dos autores, em sua unanimidade, que as drogas afetam diversas áreas da vida, comprometendo não apenas a saúde do indivíduo, mas também na esfera econômica e social. Conforme as pessoas vão se tornando mais individualistas na nossa sociedade moderna, mais a visão distorcida pela mídia influencia a percepção que as pessoas têm de usuários de droga, principalmente quando se trata do crack. A mídia foca somente em enfatizar a droga e o mal que ela causa sobre os indivíduos que fazem uso dela, ignorando que para além desse cenário, existe o campo social, cultural e político dessa pessoa.

Os autores ainda destacam que as mulheres usuárias de crack sofrem mais julgamentos por se encontrarem nessa situação, onde há a culpabilização das usuárias, através dos meios de difusão de informações que retratam a situação de uma maneira distorcida em programas de televisão mais uma vez desconsiderando as circunstâncias que as levaram a estar passando por essa condição.

O usuário de crack aparece quase sempre nos meios de comunicação sendo taxado de marginal ou doente que não tem capacidade de governar-se. Essa lógica sempre foi reforçada pela mídia através de ideias atrasadas que eram acentuadas pela psiquiatria, com as formações de convicções de que o vício na droga não tem cura e a responsabilidade por essa demanda é exclusivamente do campo policial e judiciário. Essas concepções trazem consigo o preconceito, o estigma e a exclusão dos usuários de crack da sociedade, causando uma dificuldade dessas pessoas alcançarem saúde e ignorados por conta da sua circunstância social.

No que diz respeito ao uso de álcool e outras drogas, os autores apontam que o estudo sobre drogas em uma empresa revela que o distanciamento laboral colabora para que os trabalhadores façam uso de drogas, principalmente o cigarro e o álcool, o que proporciona uma maior disponibilidade para realizar o uso tanto de substâncias lícitas, como de ilícitas. Ainda nessa perspectiva envolvendo o álcool, a pesquisa realizada em uma escola aponta que para os adolescentes a utilização dessa droga é gerada pelo incentivo de amigos, de propagandas que influenciam a tomarem as bebidas alcoólicas e uma das principais causas que é a instigação dos pais para que os filhos bebam juntamente com eles.

Para Noto et al.(2013), a mídia exhibe reportagens de modo sensacionalista em relação as drogas ilícitas. O estigma está sempre presente nos enunciados, usando expressões desdenhosas referindo-se aos usuários. Os meios de comunicação ainda colaboram para que

as concepções e princípios sejam danosos em relação ao uso de substâncias psicoativas, incentivando o preconceito, prejudicando intervenções relacionadas á saúde.

4.3 PATOLOGIZAÇÃO, ESTIGMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Essa categoria foi organizada a partir dos discursos sobre a patologização, os estigmas de gênero e sexualidade retratados pela mídia brasileira, foram selecionados 03 artigos na temática. Os autores selecionados efetuaram pesquisas sobre como a temática está sendo exposta nos meios de comunicação, a partir dos anos 2000. As análises foram feitas em uma telenovela brasileira, em uma discussão na mídia impressa e na mídia internacional, acarretando nos seguintes resultados:

Os autores Borges e Spink (2009), efetuaram uma pesquisa a fim de compreender as maneiras de se falar acerca da lesbianidade na novela *Senhora do Destino* (2004-2005), a partir de uma pesquisa sobre as cenas discursivas que analisam sobre o relacionamento entre as personagens Jenifer e Eleonora.

Essa novela, *Senhora do Destino*, foi selecionada, pois foi à primeira novela da televisão brasileira a exibir como personagens principais duas mulheres que se apaixonam e resolvem morar juntas. Duas questões orientaram a análise, segundo os autores: (a) quais repertórios sobre lesbianidade a novela está produzindo e divulgando? (b) em que contextos de uso emergem quem fala e como fala? As conclusões desta pesquisa mostram um duplo sentido da inserção da temática lesbianidade na telenovela, de um lado há um progresso de assimilação do termo lésbica, ocasionando uma maior “familiarização” dos telespectadores com o assunto. De outro lado, a maneira que acontecem os processos de legitimação\aceitação não proporciona a desestabilização das normas e dos modelos sexuais hegemônicos.

Segundo Borges e Spink (2009), a forma discursiva da novela é construída a partir do conceito de casal, no qual a biologia refere-se como macho e fêmea, e que orienta a caracterização do relacionamento entre Elenora e Jenifer em modos de polaridades de gênero. Eleonora é representada como uma mulher determinada, que sabe o que quer e encara as situações sem pretextos, já Jenifer é retratada como uma pessoa que possui dificuldade de saber o que quer e exibe indecisões sobre si, é apresentada como a parte frágil e emocional do casal.

Sendo assim, para os autores, apesar do inegável progresso na discussão sobre temas que possuem pouca visibilidade na mídia, a inserção do tema lesbianidade na telenovela,

apesar de contemplar a necessidade de analisar assuntos pouco apresentados, é insuficiente para desconstruir/desestabilizar padrões tradicionais, pois no cenário da novela, os repertórios sobre lesbianidade vão de designação lésbica/homossexual, á outras denominações mais rotuladas – “sapatão”, “aberração”- exibindo um trajeto de diferentes discursos, no qual os sentidos disputam entre si.

O conflito entre repúdio e aceitação é um dos elementos que os meios de comunicação utilizam para manter a atenção da audiência. Contudo, essas opiniões mudam no decorrer da narrativa da novela mostrando que as convicções podem mudar de acordo com as circunstâncias, as interações e negociações ocorridas (BORGES e SPINK, 2009).

Concordamos com os autores acima referenciados que os meios de comunicação, principalmente a novela, têm uma forma específica de produzir e disseminar mensagens, agindo como espaço institucionalizado e com disposição normalizadora que cria, reproduz e divulga repertórios a respeito do comportamento amoroso. Ainda que, a mídia atue como um meio para a reflexão, através de seus objetos culturais, a telenovela aqui examinada não consegue causar indagações sobre a coerência do que é legítimo ou não. Já as autoras Venancio e Belmonte (2017), examinaram a discussão na mídia impressa em volta do projeto de lei 717\03, mostrado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em Agosto de 2003, que tinha como iniciativa a utilização de verbas públicas para a “mudança da homossexualidade”.

Segundo o artigo, foram usados como elementos de pesquisa, informações sobre este projeto, divulgadas em jornais e revistas de ampla circulação nacional e estadual, observando os autores, atores sociais e as categorias mencionadas nos diversos tipos de matérias. No resultado de 40 notícias, 30 eram contrárias ao projeto de lei, uma era favorável e nove eram neutras, pois apenas mostraram o debate sem assumir nenhuma posição. Compreendendo assim, a maneira como argumentos relativos nas áreas: científica, religiosa e política, deram um novo significado para as ligações entre natureza\cultura e normal\patológico, atuando de modo específico, e por vezes discordante \divergente.

No conteúdo analisado pelas autoras citadas anteriormente, a interface do religioso com o científico é ambígua. De uma parte, verifica-se em um modo “denunciador” que a regulamentação profissional da psicologia estruturada á negação do caráter patológico da homossexualidade, levando á enorme busca pelos templos evangélicos.

Venancio e Belmonte (2017), salientam que o discurso científico, por seu lado, utilizava nas matérias, na maior parte das vezes, referindo-se aos saberes “psi”, reproduzindo a manifestação histórica sobre o início da homossexualidade. Apesar de não estar sustentado em explicações biológicas deterministas, compreendia a sexualidade (homossexualidade e

heterossexualidade) no domínio de caráter individual subjetivo, levando em conta as opressões e princípios socioculturais que impossibilitariam o indivíduo de exercer sua sexualidade de acordo com seu desejo. Esta percepção sobre algum tipo de determinismo existente na orientação sexual para a homossexualidade estava também presente nos discursos de gays que discordavam do projeto. Mesmo que não aparecesse nestes discursos uma explicação biológica para a homossexualidade, há evidentemente a ideia de que o indivíduo é homossexual e por esta razão seria inútil às tentativas de transformação desta “essência” e “desejo”.

A ideia do determinismo biológico é encontrada nitidamente em apenas um texto que é contra o projeto – uma carta de um leitor retratava a homossexualidade como “defeito de nascença”. Mesmo nas argumentações mais preconceituosas a favor do projeto de lei, como o que julgava “a homossexualidade uma distorção do ser humano normal”, a interpretação presente era a de que tal interesse sexual seria “adquirido” e, conseqüentemente, poderia ser alterado. O mais evidente é que sob o discurso dos “direitos humanos” e do “livre arbítrio” essas posições tradicionais propagavam ideias isento de qualquer tipo de determinismo, contraditoriamente, para estabelecer o que consideravam ser a norma sexual apropriada.

Internacionalmente a questão da mídia também acontece, como no terceiro artigo analisado, que apresenta a história do americano Thomas Beatie. Segundo os autores Bourseul e Laufer (2016), Thomas Beatie é um homem americano, nascido no Havaí no ano de 1974, com o nome de Tracy. Ele se transformou em homem após um tratamento hormonal e de uma mastectomia. Devido à sua condição financeira conservou seus órgãos reprodutores: ovários e útero. Casado com sua esposa Nancy, Thomas investiu em um método de reprodução assistida. Os cônjuges pretendiam ter filhos desde o início de seu relacionamento, porém Nancy é estéril. Em 29 de Junho de 2008, Thomas Beatie por “via natural”, dá à luz pela primeira vez e posteriormente a outras duas crianças, em 9 de junho de 2009 e 25 de julho de 2010.

Sua história e de sua família foi divulgada no mundo todo, basicamente por iniciativa de Thomas, que almejava que sua aventura fosse conhecida. Ele escreveu um livro, no qual relata seu percurso. Nesta categoria podemos concluir, segundo os textos analisados, que a temática sexualidade na maior parte das vezes é trazida pela mídia por ser uma temática polêmica e que, portanto prende e desperta curiosidades do público. Não só no Brasil, mas também na mídia internacional esta temática é bastante retratada e é capaz de despertar diferentes opiniões.

Percebe-se também nos textos, que ainda existe certo julgamento sobre a temática e que muitos ainda consideram esta orientação sexual como uma patologia, porém a autora Facchini (2018), revela que após uma elaboração de mais de 10 anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou a nova versão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que entrará em vigor a partir de 2022. Nesta recente versão a transexualidade deixa de ser classificada como um “transtorno” para ser considerada como uma “condição”.

Desta forma, já está considerado que a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), não sofrem de nenhum transtorno e nenhuma patologia, como muitos acreditam e julgam. Deparamo-nos também em nossa sociedade com várias discriminações que surgem por esta população ser considerada “diferente” do que é dito como normal. De acordo com Facchini (2018), a produção científica brasileira sobre a população LGBT focaliza apenas em dois principais temas. O primeiro é sobre o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), tema sobre o qual há elaboração sistemática e dados epistemológicos. O segundo tema é sobre a discriminação e a violência, que aparece ligado há vulnerabilidade individual e social para a infecção pelo HIV e também para outros danos á saúde, como a depressão, ideação e tentativas de suicídio, abuso de substâncias e obstáculos de acesso á cuidados e serviços de saúde.

Facchini (2018), apresenta ainda que os anos 2000 é o ápice no processo de cidadanização para população LGBT, pois apresenta várias conferências, políticas, leis, direitos e ações em torno desta população. Isto faz com que os meios de comunicação também se interessam e comecem a explorar mais sobre esta temática, desta forma podemos deduzir o porquê dos textos analisados na temática terem sido escritos a partir dos anos 2000.

4.4 SAÚDE MENTAL E MÍDIA BRASILEIRA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO E OS TRANSTORNOS ALIMENTARES NA ATUALIDADE

Essa categoria foi organizada a partir dos discursos sobre as representações sociais do corpo e os transtornos alimentares na atualidade retratados pela mídia brasileira, foram selecionados 07 artigos na temática. Os autores selecionados realizaram e analisaram pesquisas com o propósito de conhecer como o corpo está sendo apresentado pela mídia e como isto pode gerar um processo de adoecimento.

Souto e Bucher (2006), ao coletar depoimentos de mulheres, identificaram nos relatos informações sobre suas experiências com a obesidade, insatisfação e preocupação com o

corpo em diferentes etapas da vida (nascimento, infância, adolescência e/ou idade adulta). Segundo esses autores, para estas mulheres o aumento de peso é referente a sentimentos negativos, porém para outras quando ocorre à diminuição de peso, independente dos meios que são utilizados para conseguir, os sentimentos relacionados são positivos e de satisfação. A maioria das mulheres apresenta em seu discurso a importância do peso em suas vidas e demonstram contentamento quando conseguem emagrecer.

Assim, de acordo com Souto e Bucher (2006), o medo de engordar afeta diretamente na autoestima e na qualidade de vida, a procura de um corpo perfeito acaba se tornando prioridade para essas mulheres, o emagrecimento é associado ao sucesso e quando alcançado é comemorado como uma conquista. Para controlar o peso, muitas vezes são utilizados meios inadequados, como: vômitos, dietas, laxantes, atividade física e inibidores de apetite.

Os autores observaram que mulheres sofreram cobranças em suas vidas para emagrecer, estas influências vieram de diferentes lugares e pessoas, um exemplo foram os meios utilizados pela mídia que incentivam diretamente as mulheres a buscar por dietas e impõem o corpo magro como um ideal de beleza. As entrevistadas relatam que se sentem vítimas dos meios de comunicação, pois eles induzem e promovem um padrão que deve ser cumprido para se alcançar a “beleza”, porém muitas mulheres não conseguem obter o peso ideal e acabam sofrendo por isso, optando por fazer uso de práticas prejudiciais á saúde.

Vivíamos, portanto, segundo os autores, em uma sociedade, no início dos anos 2000, que introduzia padrões estéticos e ignorava a tortura provocada diante desta situação, em particularmente para as portadoras de transtornos alimentares. Anúncios de televisão, campanhas em outdoors e revistas expõem um modelo de corpo que desconsidera qualquer aspecto genético. Modelos e artistas famosas propagam através da mídia, “corpos perfeitos” e induzem para técnicas alimentares restritivas, dietas e ao uso incontrolado de produtos para emagrecimento, muitas mulheres padecem e algumas até mesmo morrem, pela busca dessa magreza que a sociedade impõe a qualquer preço.

Dessa maneira, Souto e Bucher (2006), concluem os perigos que podem ser gerados pelas práticas desordenadas de dietas para emagrecimento, incentivadas por amigos, familiares, profissionais e pela mídia. Esta conduta praticada de forma impositiva, não ajuda para mudanças necessárias que devem acontecer de maneira saudável e através de uma reeducação alimentar. Os profissionais da saúde devem estar capacitados para orientar essa clientela e os direcionar para práticas saudáveis de alimentação.

Esta conduta de optarem por fazer uso de meios que façam com que os resultados apareçam imediatos, também surge no texto dos autores Iriart et al. (2009), ao entrevistarem

43 usuários de anabolizantes, a maioria homens de classe média e classe popular que frequentam academia, entre esses usuários as substâncias mais utilizadas são de uso veterinário e os anabolizantes em geral são escolhidos pelo preços acessíveis, já os usuários de classe média buscam produtos importados. Independente de sua classe social a preocupação com a aparência é o principal motivo manifestado pelos usuários de academia, a procura do corpo ideal e que se encaixa no que é exibido pela mídia. O “padrão” de corpo que é almejado pelos praticantes de musculação se define pela musculatura definida e saliente, sem vestígios de gordura (vista como vilã da construção de corpo ideal).

Segundo os autores, os entrevistados destacam que essa condição de corpo é determinante para aumentar sua autoestima e promover seu bem estar consigo mesmo. A mídia estampa corpos musculosos e relaciona-os como uma forma de sucesso, usa da aparência como forma indispensável para construir a subjetividade e identidade, isso acarreta como um forte incentivo para a modificação do corpo. O uso de anabolizantes aparece nesse cenário como forma de alcançar os resultados de maneira imediata, ganho de massa e definição muscular de forma rápida.

Iriart et al. (2009), salientam também em seu artigo, que a mídia transmite um padrão de corpo ideal e isto faz com que os indivíduos busquem de imediato por este corpo, utilizando dos anabolizantes para facilitar. Após os resultados da pesquisa os autores indicavam urgências nas campanhas para conscientizar os jovens sobre a desconstrução dos padrões associados ao corpo e na propagação de informações sobre os perigos á saúde com o uso de anabolizantes.

Assim, a busca pelo corpo ideal é vigorosamente manifestada na sociedade em que vivíamos no início dos anos 2000, os autores Andrade e Bosi (2003), também corroboram com essa afirmação a discriminação contra a obesidade foi e ainda é muito presente e forte nos povos ocidentais. Segundo eles, a adoração pela magreza está relacionada á reprodução do poder, mobilidade social e beleza, provocando uma representação contraditória, pois por meio da mídia a indústria de alimentos vende gordura e comidas hipercalóricas, ao mesmo tempo em que a sociedade impõe magreza.

O avançar do conhecimento da beleza por meio da mídia, forma subjetividades e incentiva o comércio da magreza, atrai o sexo feminino através de suas necessidades, induzindo para a conquista de um corpo perfeito. A expectativa criada em torno do papel da mulher na sociedade gera inseguranças e causa instabilidade em sua identidade, levando-as a procurar em seu corpo, o poder perdido.

Os autores Souza et al. (2013), ao realizarem uma análise de reportagens divulgadas em quatro revistas nacionais (Boa Forma, Isto É, Veja, Cláudia), em geral os conteúdos examinados traziam temáticas sobre corpo magro, beleza e aparência jovem e retratavam o que seriam objetivos a serem atingidos e mantidos pelas mulheres. Nos três temas apontados ficou clara a associação entre o corpo da mulher e o uso de drogas lícitas, baseada nas temáticas de gênero e nas relações que se constituem através da sociedade brasileira determinam-se modelos de beleza para as mulheres e exibem uma reprodução do corpo feminino como instrumento de prazer.

Na primeira temática: “O corpo como estímulo para o consumo de drogas lícitas”, as matérias que expõem o corpo feminino como incentivo para o uso de drogas ilícitas usam de imagens de mulheres como artifício visual para o anúncio de bebidas alcoólicas, aspirando motivar a ingestão dessas substâncias pelo público masculino. Neste entendimento, é comum a utilização de imagens do corpo feminino conforme os padrões de beleza pré-definidos e em posições sexuais em meios publicitários. A utilização de fotos de mulheres jovens, brancas e magras com o corpo semidespido, é um recurso de publicidade utilizado para o estímulo de vendas de bebidas alcoólicas. Temáticas com referências à sexualidade na publicidade são incentivos que atraem os consumidores, neste contexto a bebida e as mulheres são exibidas lado a lado como mercadorias a serem consumidas da mesma forma.

No segundo tema intitulado como: “Riscos do consumo de drogas lícitas para o corpo”, de acordo com os autores as substâncias que aparecem nas reportagens são, especificamente, o tabaco e o álcool. O tabaco aparece como uma forma de dano ao corpo saudável e bonito da mulher, a mídia incentiva à inibição do uso de cigarro pelas mulheres como tática para ajusta-las aos padrões estéticos. Já o álcool é retratado como uma substância inibidora de apetite, evidenciando entre suas aparições o caso da anorexia alcoólica, a qual atrai o público feminino a consumir o álcool como maneira de substituir as refeições diárias, esta doença é sinalizada como resultado de frustrações sofridas, sentimentos de ansiedade e de inferioridade por não alcançar os padrões estéticos cobrados. Dessa maneira a ingestão de álcool transforma-se como uma tentativa de eliminar esses sintomas, e simultaneamente, conquistar os modelos de beleza almejados.

No terceiro e último item: “A busca do corpo ideal por meio das drogas lícitas”, os autores ressaltam sobre o consumo de medicamentos, que aparecem nas reportagens como uma alternativa positiva para as mulheres inconformadas com seu peso e aparência corporal. A ambição pelo corpo perfeito, incentiva essas mulheres há escreverem para as revistas á procura de respostas a respeito dos resultados e efeitos conquistados com a utilização desses

medicamentos, considerados como emagrecedores. Com a finalidade de responder as perguntas das leitoras, os meios de comunicação examinados usaram de entrevistas com profissionais da saúde como forma de avisar sobre a ação e efeitos colaterais dos remédios emagrecedores. Os mesmos ainda incentivam para a adesão de hábitos de vida saudáveis para atingir o padrão de beleza desejado relacionados ao uso dos emagrecedores. Nos textos analisados o uso de medicamentos é evidenciado como uma maneira totalmente aceita. Os assuntos das reportagens apresentam a possibilidade de um uso apropriado e seguro destes medicamentos, desde que seja acompanhado de profissionais qualificados. Entretanto, a maneira como é abordada sobre o acompanhamento profissional é fraca, sendo realçadas as sensações de bem-estar, felicidade, confiança, autoestima, beleza e plenitude que podem ser geradas pelo uso da ação eficaz dos emagrecedores, por esta razão muitas mulheres optam por emagrecerem sozinhas com ajuda somente dos medicamentos e não procuram um profissional.

Os autores concluem diante dos dados analisados, que os meios de comunicação transmitem a ideia de que os indivíduos do sexo feminino, a partir dos anos 2000, precisavam ser belas e atraentes para serem visíveis no contexto social. As mulheres que não se ajustam nos critérios estabelecidos são socialmente entendidas como fracassadas, isto pode acarretar a sentimentos de inferioridade e incapacidade, que conseqüentemente, se associam com morbidades psiquiátricas. As revistas examinadas exibem ilustrações estereotipadas sobre a mulher e seu corpo, delimitam sua importância e utilidade social. As singularidades e a capacidade intelectual das mulheres são menosprezadas, fazendo com que as pessoas adotem conceitos que as ajustam em funções de baixo reconhecimento e incitam a presença de uma necessária sujeição feminina e uma suposta superioridade masculina.

Por sua vez, Volpe (2007), apresenta um conjunto de diretrizes publicadas pelo Comitê Técnico da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), movidos pela comoção de novos casos de mortes de modelos brasileiras, o propósito dessas recomendações seriam totalmente preventivas. Fundamentado na tese que as exibições de imagens que retratam uma sobreposição de extrema magreza acabam gerando uma condição determinante para os jovens desenvolverem algum tipo de Transtorno Alimentar (TA).

A moda e a mídia enaltecem a magreza, há indícios que mostrar para mulheres jovens imagens de modelos extremamente magras, acarretam sentimentos de descontentamento e insatisfação com o seu próprio corpo. Porém o autor afirma, que os poucos estudos que analisam a influência da mídia no comportamento alimentar, possuem resultados transversais e que sendo assim não podem servir para apontar uma causa. Um grande problema ético é

determinar a atividade de profissionais com base na sua aparência física, Volpe aponta que uma pesquisa realizada com modelos brasileiras revela o predomínio de sintomas alimentares parecidos com outro grupo (estudantes de nutrição), se caso os nutricionistas estivessem acima do peso ideal, induziriam seus pacientes parar gerar a obesidade.

Segundo Volpe (2007), o Comitê Técnico da Associação Brasileira de Psiquiatria, orienta que os profissionais da moda reconheçam e valorizem a diversidade da beleza brasileira, porém o autor fica apreensivo diante disto, pois mesmo com a melhor das intenções uma associação de médicos não deveria sugerir quais modelos estéticos à sociedade deve enaltecer e desejar, devido aos limites de conhecimento e a área de atuação, o indagar a própria cultura é uma função que não deveria ser assimilada propriamente pelos médicos.

Freitas et al. (2009), realizaram uma pesquisa com 54 adolescentes entre 14 e 19 anos de idade e concluíram que a maioria das jovens apresentam índice de magreza e nenhum caso de obesidade, a maioria das adolescentes relatam não estarem satisfeitas com seu corpo e o desejo de emagrecer é constante. Segundo os autores esses motivos podem estar interligados com a imagem do corpo ideal que é exibido pela mídia, podendo acarretar também como consequência disto os transtornos alimentares.

Do mesmo modo, os autores Uzunian e Vitalle (2015), desenvolveram um estudo com o propósito de examinar a literatura a respeito da ligação entre transtornos alimentares e habilidades sociais de adolescentes. Foram analisados as bases de dados ScieLO, Medline e Lilacs, cruzando os descritores “anorexia nervosa”, “transtornos alimentares”, “comportamento alimentar” e “bulimia nervosa” com “isolamento social” e “psicologia social” e com as palavras chave “relação interpessoal”, “habilidade social” e “competência social”.

Os estudos buscavam entender como o estado emocional seria capaz de influenciar na formação de transtornos alimentares, tal como as relações interpessoais e relação entre pares. Os textos também debateram a influência da mídia e da sociedade neste encadeamento.

Uzunian e Vitalle (2015), relataram que as habilidades sociais começam a ser constituídas a partir da infância, possuindo como primeiro local de formação a família e, seguidamente, a escola, igreja, clube, dentro outros. Estas habilidades se referem a um repertório de comportamentos manifestados pelo sujeito em estipuladas circunstâncias, manifestando seus sentimentos, suas condutas, seus desejos, suas opiniões e direitos, de maneira apropriada á situação e respeitando a conduta dos demais.

O aparecimento e manutenção dos transtornos dos comportamentos alimentares podem ser provocados, segundo Uzunian e Vitalle (2015), pelo modelo de beleza da atual

sociedade, pelos discursos e valores transmitidos pela mídia, pela intervenção dos pares e pelas emoções que, quando não gerenciadas corretamente, intensificam e predispõe o caso.

Assim, após a análise os autores deduzem que quanto maior o conjunto de habilidades sociais do adolescente, maior é a defesa contra situações de risco para os transtornos alimentares.

Desta maneira, após analisar as pesquisas e estudos realizados pelos autores nesta categoria, concluímos que a mídia possui uma forte influência na vida das pessoas e dita o padrão estético, exhibe que o aumento de peso é algo negativo e dita muitas vezes, independente dos meios que são utilizados, formas para que se consiga alcançar esse padrão ideal. No momento que o indivíduo está fora deste padrão pré-determinado ele é facilmente estimulado e manipulado há fazer de tudo para conseguir este corpo, por este motivo eles vivem constantemente com medo de engordar e isso acaba afetando diretamente em suas autoestimas e na qualidade de vida.

Percebemos, segundo os textos analisados, que o público mais atingido e abordado sobre esta temática são os adolescentes e as mulheres. Segundo Gonçalves et al. (2013), crianças e adolescentes possuem um fator de risco para desenvolver transtornos alimentares, que são atribuídos principalmente pela exposição aos meios de comunicação que enaltecem a magreza, ao ambiente social e a cobrança familiar.

Já a maneira como a mulher é retratada e exposta pelos meios de comunicação também faz com que o público feminino procure e acredite que o estereótipo adequado são os de mulheres belas e atraentes, pois só assim serão visíveis no contexto social e se não se ajustarem nestes critérios estabelecidos são socialmente entendidas como fracassadas. Para Barbosa e Berger (2017), o cenário atual cobra e explora a mulher no desempenho de seus papéis –a boa mãe, a dedicação e cuidado dos outros- que ressaltam os sentimentos de infelicidade, frustração, inadequação relacionados às desordens psíquicas. Isso faz com que a população feminina se sinta sobrecarregada e muitas vezes inferior, por isso estão mais propensas há serem manipuladas pelos meios de comunicação e a gerarem um processo de adoecimento, quando não alcançam o que é imposto pela mídia.

A procura do corpo ideal que se encaixa no que é exibido pela mídia é constante e faz com que o público acredite que só atingindo essa meta é que encontrarão a felicidade e a satisfação pessoal.

4.5 SAÚDE MENTAL E MÍDIA BRASILEIRA NA ATUALIDADE: SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR

Essa categoria foi organizada a partir dos discursos sobre a subjetividade do trabalhador retratados pela mídia brasileira, foram selecionados 03 artigos sobre a temática. Os autores encontrados a seguir para análise desta temática utilizaram-se de pesquisas e revisões de literatura sobre o assunto, apresentando os seguintes resultados:

De acordo com Spode (2004), ao colocar luz sobre o trabalhador policial militar, debate a questão de como a segurança pública se sobressai no cenário nacional, acrescentando a necessidade de trazer a tona a problematização do papel e dos direitos das instituições policiais. Constantemente, observamos a ação da polícia militar sendo exibida pela mídia botando os policiais em uma condição ambígua, ora como heróis ora como vilões. Desta maneira, o emprego policial, consiste-se em um território de controvérsias, onde se cria uma realidade muitas vezes desconhecida pela sociedade: a do policial trabalhador.

O autor realizou em 2004 uma pesquisa que retratou o trabalho dos Capitães da Brigada Militar, a partir de dois eixos articulados: o das suas relações com a formação de subjetividade e com saúde mental, considerando como referência as técnicas disciplinares que constituem o trabalho policial e as circunstâncias desse ofício que causam prazer e sofrimento. Os resultados encontrados por Spode (2004), revelam que os Capitães vivenciam sofrimentos relacionados com a rigidez do arranjo do trabalho policial militar e que a profissão, levando em conta o código moral a ela referente, abrange um espaço central na formação da subjetividade destes.

Nesta mesma perspectiva os autores Penteadó e Gastaldello (2016), realizaram uma revisão de literatura dirigida para a saúde mental de jornalistas, associadas ao trabalho no período de 2005 e 2015. Após os critérios de exclusão foram selecionadas oito publicações para a revisão, tornando visível que a temática tem sido pouco analisada tanto no Brasil como no mundo.

As questões do encadeamento saúde-doença-cuidado de jornalistas, que tem sido destacada nas investigações, constituem as categorias: saúde vocal\expressividade, saúde mental e saúde alimentar\nutricional, e eles vem sendo discutidos de forma isolada. Faltando estudos que tragam uma concepção ampliada de saúde e qualidade de vida. Relacionada á saúde vocal\expressividade, de modo geral os estudos mostram a necessidade de disciplinas referentes á voz\saúde, vocal\expressividade na graduação de Jornalismo.

Em relação à saúde mental, segundo os autores, os estudos exibem situações de risco para estresse e transtornos mentais, no âmbito do trabalho do jornalista. Os estudos são compatíveis com a literatura e comprovam que as precárias condições de trabalho produzem sofrimentos e afetam negativamente sobre a qualidade de vida e a saúde dos jornalistas.

Referente à saúde alimentar\nutricional destacam-se os hábitos alimentares, consumo de cafeína, energéticos e diabetes. Os alimentos energéticos e a base de cafeína têm impactos inibidores do sono e neuroestimulantes e a sua ingestão é comum entre os trabalhadores de áreas que necessitam permanecer alertas por longos períodos, mesmo que já estejam afetados pelo cansaço. De modo geral, os estudos sobre a alimentação\nutrição dos jornalistas, expõem o consumo de alimentos com escasso valor nutricional e substâncias prejudiciais á saúde.

O estudo realizado pelos autores revela ainda, a necessidade de pesquisas e aplicações para a criação de uma cultura de promoção a saúde e qualidade de vida dos jornalistas, o qual pode acontecer na interdisciplinaridade entre as áreas da saúde, educação e comunicação, com o auxílio das entidades das categorias e da mídia.

Já as autoras Garbin e Fischer (2012), analisaram conteúdos jornalísticos publicados em três jornais de ampla circulação do estado de São Paulo entre os anos de 1990 e 2008. O tema assédio moral apareceu pela primeira vez nos meios de comunicação pesquisados somente a partir do ano 2000, através de produções acadêmicas, legislações sobre o assédio e divulgação de livros. Neste período foram inscritas 91 matérias, com assuntos que abordavam direta ou indiretamente sobre a temática.

Verificou-se, segundo os autores anteriormente citados, que ao abordar sobre o assédio moral de forma mais ampla foram expostos vários aspectos da organização do trabalho, espaços de denúncias, adoecimento no trabalho, divulgação de leis, atitudes reivindicatórias e protetivas.

Há um espaço tolerante nas organizações para a execução do assédio moral, intensificando os conflitos para alcançar á metas e resultados. Ridicularizações, constrangimentos, indiferença e desqualificações foram bastante comuns nos conteúdos das matérias analisadas.

De acordo com os autores, as repercussões á saúde são abrangentemente tratadas nas matérias, e o desenvolvimento de adoecimento e sofrimento fazem parte dos relatos. A combinação de assédio moral e a propensão de tornar a sociedade “doente”, “depressiva” se dispõem pela função da padronização comportamental que severamente se institui no ambiente de trabalho. Dessa forma, sem ignorar todo o sofrimento associado á vivência dos episódios de assédio, a exacerbação sobre o debate ao redor dos sintomas incentiva o

enquadramento do assédio moral como uma doença, retirando a posição social e histórica existente no processo de adoecimento, e esconde as condições degradantes de trabalho.

Dessa maneira, a partir dos conteúdos analisados, os autores concluem que os casos de violência, especialmente o assédio moral no trabalho, afetam sobre a dignidade do trabalhador seus sentimentos e afetos, sua perspectiva de vida e seus meios de relações, provocando sofrimento.

As justificativas sobre o assédio para os autores voltam-se para uma compreensão psicológica do fenômeno, realçando o caráter individualista e reduzindo um tratamento coletivo. As manifestações banalizam o assédio ao gerarem caricaturas para os atores implicados. O conteúdo psicológico e a estigmatização estabelecem significado na sociedade, colaborando para naturalizar o assédio moral no trabalho e banalizar a violência no trabalho.

Finalizando esta categoria diante dos textos analisados, percebemos que o ambiente e algumas rotinas de trabalhos são realidades desconhecidas pela sociedade e pouco divulgadas nos meios de comunicação, porém quando expostas são expostas de uma maneira que não altera a realidade deste cenário.

Os trabalhadores convivem, na maioria das vezes, com precárias condições de trabalho, rigidez no arranjo de trabalho, ridicularizações, constrangimentos, indiferenças e desqualificações. Os impactos sobre a saúde mental e a subjetividade do trabalhador na atualidade englobam a alimentação, jornada e stress do trabalhador, assédio moral e casos de violência.

Um assunto que surgiu como destaque em um dos textos analisados foi o assédio moral no ambiente de trabalho, Nascimento (2018), afirma que o assédio moral no trabalho pode gerar inúmeras consequências para as vítimas, como a depressão, ansiedade, distúrbios do sono e digestivos, ocorrendo até mesmo, em casos graves, o suicídio. A autora ainda salienta que o episódio de assédio é visto como uma violência sutil, frequentemente, silenciosa e despercebida, que pode se transformar e degradar o ambiente e as condições de trabalho da vítima, ocasionando o adoecimento físico e mental.

Segundo as autoras Araújo et al. (2017), a fiscalização das características do trabalho é essencial para a estruturação de condições aptas para fortalecer o polo do trabalho, como um meio de criação identitária e prazerosa. Estas intervenções podem ser realizadas pela Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT), que é encarregada de desenvolver ações e estratégias de promoção da saúde e de diminuição da morbimortalidade desta população. Porém, de acordo com as autoras estas ações ainda deixam muito que desejar e importantes problemas ainda permanecem, como por exemplos: a notificação dos casos encontrados e

ausência de acompanhamentos destes casos, quase nenhuma articulação entre os atores envolvidos, ações reducionistas e pontuais, inexistência de um protocolo único norteador, entre outros.

As questões de saúde mental no trabalho atualmente ainda apresentam dificuldades de serem identificadas pela Vigilância em Saúde do Trabalhador e tratadas, na perspectiva de Araújo et al. (2017), isto acontece pois o trabalhador só possui entendimento e compreende que o adoecimento é apenas vinculado ao corpo dificultando o reconhecimento do adoecimento mental. O próprio trabalhador, que teria que ser protagonista nas intervenções da VISAT, por melhor conhecer a si e ao trabalho que exerce, acaba sendo refém do discurso de culpabilização determinado pelo capital e destaca a “sorte” que tem em estar trabalhando.

Diante disto, percebemos e concluimos através dos conteúdos analisados, que a saúde física e mental do trabalhador deve ser mais investida, estudada e exibida pelos meios de comunicação, é preciso saber a realidade destes trabalhadores e cobrar ações para que haja mudanças nestes cenários, pois segundo Nascimento (2018), o trabalho não é apenas uma forma de sustento para o ser humano. É, antes de tudo, produtor de sentido e significado para a vida das pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os trabalhos analisados, concluímos e concordamos com os entendimentos dos autores, assim sendo, no cenário atual, a mídia tem o poder de manipular os diversos estilos de vida dos indivíduos, induzir a formação de opiniões e crenças de determinados assuntos, gerando muitas vezes concepções distorcidas sobre a realidade, provocando nos indivíduos processos de adoecimentos, perpetuando estigmas, ditando o que é certo e errado, e inclusive corrompendo muitas vezes com a verdade, fazendo com que isso acarrete polêmicas, consequentemente gerando audiência e lucro.

A importância de termos optado por essa temática e realizado essa pesquisa sobre esse atual cenário, se deu a partir das nossas vivências da vida acadêmica, despertando o desejo de nos aprofundarmos sobre a visão que a sociedade possui em relação aos transtornos mentais, perante a influência que a mídia exerce na vida das pessoas, fazendo com que isso provoque interpretações equivocadas e motivações para continuar a reproduzir estigmas e julgamentos, em que, na maioria das vezes, as pessoas não possuem conhecimento a respeito desse assunto e se deixam levar por quaisquer conteúdos exibidos pelos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A; BOSI, M. **Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino.** Rev. Nutr., Campinas, 16(1):117-125. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n1/a11v16n1.pdf>>. Acesso em: 02 Set. 2018.
- ARAÚJO, T. et al. **Vigilância em Saúde Mental e Trabalho no Brasil: características, dificuldades e desafios.** Ciência & Saúde Coletiva, 22(10):3235-3246, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n10/1413-8123-csc-22-10-3235.pdf>>. Acesso em: 01 Dez. 2018.
- BARBOSA, R; BERGER, S. **Abuso de drogas e transtornos alimentares entre mulheres: sintomas de um mal-estar de gênero?** Cad. Saúde Pública 2017; 33(1):e00120816. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v33n1/1678-4464-csp-33-01-e00120816.pdf>>. Acesso em: 03 Dez. 2018.
- BARBOZA, R; FELDENS, D. **Educação para a mídia e psicopatologia: um diálogo possível.** Estudos Contemporâneos da Subjetividade, vol 6, num 2. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/viewFile/1725/1331>>. Acesso em: 03 de Dez. 2018.
- BARROS, L. O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas consequências. Revista CEJ, Brasília, v. 7, n. 20, p. 23-29, jan./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/view/518/699>>. Acesso em: 03 Out. 2018.
- BASTOS, L. C; BIAR, L.de A. Análises de narrativas e práticas de entendimento da vida social. D.E.L.T.A., 31-especial, 2015 (97-126). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>>. Acesso em: 20 Out. 2018.
- BORGES, L; SPINK, M. **Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos?** Psicologia & Sociedade; 21 (3): 442-452, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a18v21n3.pdf>>. Acesso em: 14 Out. 2018.
- BOURSEUL, V; LAUFER, L. **Atualidades do “Rochedo” freudiano: o “primeiro homem grávido.”** Ágora (Rio de Janeiro) v. XIX n. 1 jan/abr 2016 9-20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v19n1/1809-4414-agora-19-01-00009.pdf>>. Acesso em: 01 Nov. 2018.
- BRANCO, F. et al. Conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre drogas e políticas de enfrentamento às drogas. Revista pesq. cuid. fundam. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/5057/505750946003/>>. Acesso em: 17 Out. 2018.
- BRUM, C.N.et al. **Revisão narrativa de literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem.** In: LACERDA, M.R.; COSTENARO, R.G.S. (Orgs). Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática. Porto

Alegre: Moria, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf> >. Acesso em: 03 Nov. 2018.

CARRILHO, L; MAURO, M. **Uso e abuso de álcool e outras drogas:** ações de promoção e prevenção no trabalho. Rev. Enferm. UERJ, 2003. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v11n1/v11n1a04.pdf> >. Acesso em: 15 Out. 2018.

COSTA, A. et al. **Drogas em área de risco:** o que dizem os jovens. Physis vol 22, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000200021 >. Acesso em: 16 Out. 2018.

COSTA, P. et al. **Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas:** uma revisão narrativa da literatura. Ciênc. Saúde Coletiva, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-csc-20-02-0395.pdf> >. Acesso em: 15 Out. 2018.

CUNDA, M; SILVA, R. **O crack em um cenário empedrado:** articulações entre os discursos jurídico, médico e midiático. Psicologia & Sociedade, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe/25.pdf> >. Acesso em: 17 Out. 2018.

EMERICH, T. et al. Necessidades de saúde e direito à comunicação em tempos de midiáticação. RECIIS – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2016 out.-dez.; 10(4). Disponível em: < <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1065/pdf1065> >. Acesso em: 02 Set. 2018.

FACCHINI, R. **Direitos Humanos e Diversidade sexual e de gênero no Brasil:** avanços e desafios. Unicamp Direitos Humanos, 2018. Disponível em: < <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/direitos-humanos-e-diversidade-sexual-e-de-genero-no-brasil-avancos-e> >. Acesso em: 01 Dez. 2018.

FONSECA, F. **Mídia, poder e democracia:** teoria e práxis dos meios de comunicação. Rev. Bras. Ciênc. Polít. no. 6 Brasília July.\Dec. 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003 >. Acesso em: 26 Set. 2018.

FREITAS, A. et al. Insatisfação da imagem corporal, práticas alimentares e de emagrecimento em adolescentes do sexo feminino. Rev. bras. nutr. clín; 24(3): 166-173. 2009. Disponível em: < <http://www.sbnpe.com.br/revista/V24-N3-197.pdf> >. Acesso em: 20 Set. 2018.

GARBIN, A; FISCHER, F. Assédio moral no trabalho e suas representações na mídia jornalística. Rev Saúde Pública 2012; 46(3): 417-24. Disponível em: < https://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000300003 >. Acesso em: 08 Out. 2018.

GONÇALVES, J. et al. Transtornos alimentares na infância e na adolescência. Rev Paul Pediatr. 2013; 31(1): 96-103. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpp/v31n1/17.pdf>>. Acesso em: 03 Dez.2018.

GUARNIERO, F. et al. **O estigma da esquizofrenia na mídia:** um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. Rev. Psiq. Clín. 2012; 39(3): 80-4. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v39n3/a02v39n3>>. Acesso em: 03 Dez. 2018.

IRIART, J. et al. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. Cad Saude Publica; 25(4): 773-782. 2009. Disponível em: < https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000400008>. Acesso em: 03 Out. 2018.

MACEDO, F. et al. **Mulheres, saúde e uso de crack:** a reprodução do novo racismo na/pela mídia televisiva. Saúde Soc vol 24, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n4/1984-0470-sausoc-24-04-01285.pdf>>. Acesso em: 17 Out. 2018.

MACHADO, A. **Reforma psiquiátrica e mídia:** representações sociais na Folha de S. Paulo. Ciênc. Saúde coletiva vol 9, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232004000200024&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 Out. 2018.

MOREIRA, J. **Mídia e psicologia:** considerações sobre a influência da internet sobre a subjetividade. Psicol. Am. Lat. no. 20 México 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009>. Acesso em: 11 Set. 2018.

MUSSE, M; BRUM, J. **Os dramas reais na ficção televisiva:** A Narrativa da Superação em Viver a Vida. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-1109-1.pdf>>. Acesso em: 04 Out. 2018.

NASCIMENTO, D. Saúde mental de trabalhadores vítimas de assédio moral. Psicologia.pt ISSN 1646-6977 Documento publicado em 29.04.2018. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1197.pdf>>. Acesso em: 01 Dez. 2018.

NOTO, A. et al. **Ações integradas sobre drogas:** prevenção, abordagens e políticas públicas. Ed. UFJF. 2013. Disponível em: < http://www2.unifesp.br/dpsicobio/Nova_versao_pagina_psicobio/CAPITULO11COBERTURAJORNALISTICA.pdf>. Acesso em: 03 Dez. 2018.

PENTEADO, R; GASTALDELLO, L. **Saúde e qualidade de vida de jornalistas:** estudo de revisão. Rev. bras. promo. saúde (Impr.); 29(2): 295-304. 2016. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-831854>>. Acesso em: 04 de Out. 2018.

ROMANINI, M; ROSO, A. **Mídia e crack**: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação? *Psicol. ciênc.* 2012. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282022731007>>. Acesso em: 16 Out. 2018.

RONZANI, T. et al. **Mídia e drogas**: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o

tema entre 1999 e 2003. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(5):1751-1762, 2009. Disponível em: <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000500016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

[81232009000500016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000500016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 12 Out. 2018.

SANTOS, J; CARDOSO, C. **Narrativas e experiências acerca da loucura**: uma reflexão de profissionais de comunicação. *Interface- comunic., saúde e educ.*, 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832011000300009&script=sci_abstract&tlng=pt)

[32832011000300009&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832011000300009&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 19 Out. 2018.

SILVA, C; RUÓTULO, A. **A influência da mídia na opinião do indivíduo**: verdade ou especulação? *Intercom*, 2010. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0207-1.pdf>>.

Acesso em: 03 Dez. 2018.

SOUTO, S; BUCHER, J. Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o

desenvolvimento de transtornos alimentares. *Rev. Nutr.*, Campinas, 19(6):693-704. 2006.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v19n6/05.pdf>>. Acesso em: 21 Out. 2018.

SOUZA, M. et al. Droga de corpo! Imagens e representações do corpo feminino em revistas brasileiras. *Rev Gaucha Enferm*; 34(2): 62-69. 2013. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n2/v34n2a08.pdf> >. Acesso em: 21 Out. 2018.

SOUZA, S. et al. A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes

atendidos em uma Unidade de Saúde da Família. *Ciênc. Saúde Colet*, 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n3/v15n3a16.pdf> >. Acesso em: 13 Out. 2018.

SPODE, C. **Ofício de oficial**: trabalho, subjetividade e saúde mental na polícia militar. Porto Alegre; s.n; 2004. 139 p. Disponível em: < [http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/pte-](http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/pte-27840)

[27840](http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/pte-27840)>. Acesso em: 08 Out.2018.

TOMASI, C.; MEDEIROS, J. **Comunicação científica**: normas técnicas para redação científica. São Paulo: Atlas, 2008.

UZUNIAN, L; VITALLE, M. **Habilidades sociais**: fator de proteção contra transtornos

alimentares em adolescentes. *Ciênc. saúde colet.* 20 (11). 2015. Disponível em: <

https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001103495>. Acesso

em: 25 Out. 2018.

VENANCIO, A; BELMONTE, P. **O debate legislativo carioca sobre a "mudança da homossexualidade"**: ciência, política e religião. *Sex., salud soc.* (Rio J.); (26): 103-125.

2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sess/n26/1984-6487-sess-26-00103.pdf>>.

Acesso em: 28 Out.2018.

VERGARA, S. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 96p.

VOLPE, F. **Ética, cultura e mídia**: a quem culpar pelos transtornos alimentares? Rev Bras Psiquiatr; 29(3): 294-295. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v29n3/a21v29n3.pdf>>. Acesso em: 01 Nov. 2018.

WURDIG, K; MOTTA, R. Representações midiáticas da internação compulsória de usuários de drogas. Temas em psicologia vol 22, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200014>. Acesso em: 15 Out. 2018.

ZANOTTO, D; ASSIS, F. **Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira**: análise de um jornal e duas revistas de edição nacional. Revista de Saúde Coletiva vol 27, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000300771&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 09 Nov. 2018.